

# ○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

No nosso país o desemprego ou o não pagamento de salários constituem as pragas mais gritantes que apoquentam milhares de portugueses.

Nada mais terrível para um homem saudável e carente que o desemprego. E quando a essa circunstância acresce o factor chefe de fa-

## EDITORIAL

mília, essa situação angustiada assume a dimensão de tragédia.

As estatísticas acusam maior recrudescimento de crimes em épocas de recessão, exactamente porque os assaltos e roubos que nessa altura se praticam encontram na necessidade e na miséria o seu principal detonador. Corolariamente, todos nos lembramos que em 1973, quase no final do trend econó-

(Continua na pág. 2)

## SOPETE VAI DESPEDIR PESSOAL?

Um estudo económico feito para o Hotel Ofir prevê a dispensa de 48 funcionários a partir do fim do 1.º trimestre de 85; o hotel, constituído por quatro blocos funcionará normalmente apenas com o Bloco D (Estalagem - 18 quartos) nos meses de Jan., Fev. e Novembro. Nos meses de Março, Outubro e Dezembro funcionará com o Bloco B (40 quartos); nos restantes meses abri-se-ão, de acordo com as necessidades, os Blocos A e C (142 quartos).

Esta hipótese afigurava-se-nos correcta para um empresário que tivesse chegado a Fão, vindo da Cochinchina, do Brasil ou da América e que de um momento para outro comprasse o imóvel da praia. Procedia a um estudo económico e, ou tinha que encerrar as portas, ou seguir a última hipótese.

Só que o comprador do Hotel Ofir foi a Sopete, concessionária

(Continua na pág. 2)

## O PERFIL DE HOJE

por ARMANDO SARAIVA

# ARTUR SOBRAL

«Chegou Artur Sobral!

Temos, portanto, entre nós, não sabemos por quanto tempo, este grande fangeiro, este baírrista 100%, este dinâmico impulsionador do progresso da terra que — se não fora ele — jamais teria saído do primitivismo quase «pedra lascada» em que se encontrava, exceptuando, é claro, o caso Ofir.

Na verdade, Fão deve já a Artur Sobral um grande número de realizações que nos orgulham.

Lembramo-nos de que, quando pela primeira vez nos visitou depois de 36

também, mas porque a Fão não vinham fazia muitos anos, não podiam avaliar das suas mais ingentes necessidades.

Foi Artur Sobral quem os pôs ao corrente delas e — digamos assim — lhes lembrou que a sua terra também era a deles. E então surgiu o triunvirato realizador constituído por Joaquim Mariz, Pires Carneiro e ele próprio — Artur Sobral. E então surgiram as realizações (Sala de operações, gabinete dentário, Consultório e Banco, Cantina, Águas, Casa para Pescadores e outros melhoramentos menos espectaculares



anos de ausência no Brasil, não existia quase nada que sugerisse progresso.

Se exceptuarmos a energia eléctrica, tudo o mais é anterior a 1900: Fontanários, Escolas, Clubes, Hospital, tendo muitas outras coisas desaparecido na voragem do decadentismo crónico que estiolou esta linda terra.

Artur Sobral voltou ao Brasil mas no seu cérebro levava um vasto programa de melhoramentos a realizar. Procurou os seus amigos, fangeiros

mas nem por isso menos úteis (iluminação da Alameda do Bom Jesus, Av. Manuel Pais e Cortinhal), material para os Bombeiros, mobiliário para o Clube, etc., para os quais a sua bolsa está sempre aberta.

Não queremos dizer com isto que todas as realizações que referimos se devam exclusivamente a Artur Sobral. Não. No que respeita ao dispêndio das somas necessárias, muitos outros, fangeiros e não fangeiros, amigos pes-

(Continua na pág. 3)



(Continuado da pág. 1)

mico ascendente que se iniciou à volta de 1944, muitas cadeias fecharam por falta de clientela.

Hoje mais do que nunca a palavra solidariedade se impõe na terra portuguesa. Um país com os índices de desemprego a atingir os níveis do admissível converte-se num vulcão de tensões que podem eclodir de um momento para o outro.

É certo que existe o subsídio de desemprego, quanto a nós uma das melhores criações que o 25 de Abril institucionalizou. Não chega, porém. É fundamental que os ricos não queiram ser tão

## EDITORIAL

ricos para que os pobres sejam menos pobres. Os empresários devem ter em mente que uma empresa não deve tão só perseguir o lucro. Uma empresa é também (deve sê-lo) uma instituição social. Ela fomenta a riqueza de um país, o que beneficia o bem estar de muitos; ela abre hipóteses de emprego que é o maior bem para um homem saudável. Ela pode, enfim, enriquecer uns tantos, mas os seus objectivos embrincam-se no mesmo plano social. Daí que patrões e empregados não devem situar-se em valas antagónicas, mas olharem-se como agentes complementares de acções comuns, embora de etapas diferenciadas.

Os operários não devem ver nos patrões o inimigo a abater; eles são ensejo de progresso, de emprego, de possível bem estar. Os patrões não podem tratar os operários como números que se acrescentam ou se abatem sem a menor contemplação. Um trabalhador é um homem com a sua dimensão, a sua dignidade, a sua problemática, que não pode (não deve ser) friamente computadorizado.

## SOPETE VAI DESPEDIR PESSOAL?

(Continuado da pág. 1)

da Zona de Jogo da Póvoa de Varzim.

Todos sabemos que o concessionário de uma zona de jogo obriga-se a certos compromissos que beneficie a zona onde está implantada. A Sopete mora aqui ao pé da porta. Conhecia melhor que ninguém a situação de Ofir. Mobilizou influências para que o Secretário do Estado de Turismo autorizasse a compra do hotel, desobrigando-se assim do cumprimento de outras obrigações hoteleiras, que implicariam a criação de novos postos de trabalho. No acto

da aquisição do imóvel não revelou que iria despedir pessoal.

Agora, a dois anos de distância, apresenta à Secretaria do Estado de Emprego um projecto de viabilização do Hotel Ofir mandando para a rua quarenta e oito pessoas. Não pode ser. A Sopete é uma empresa especial. A Sopete é beneficiária da concessão de uma zona de jogo e como tal não pode trazer a desgraça para uma região. Sim, despedir 48 pessoas constitui uma verdadeira tragédia para a nossa terra.

Estamos convictos que o Secretário do Estado de Emprego estará atento ao melindroso problema.

## UMA CHAVENA DE CAFÉ

(Continuado da pág. 6)

tância um quadro com figuras extremamente reais por estas ruas.

Naquela idade indefinida — entre os trinta e os cinquenta — dois homens de braços crestados pelo sol do trabalho.

Não bebem cervejas.

Bebem galões, não daqueles doirados, mas daqueles que se limitam a um copo grosseiro cheio de leite tingido por café.

(Dois pares de bocas belíssimas que se abrem diligentes às maravilhosas torradas, douradas e gordurosas).

Não, não é assim — numa (in)ducação bem popular, bem modesta, apanham as torradas tripartidas com os dedos todos e afundam-nas naqueles poços de leite encardido, depois reti-

ram-nas enquanto os olhos transbordam já numa ingénua gutodice. Ficam olhos de gordura imersos nos galões que restam.

Conversam pouco, aliás não sabem conversar — discutem apenas.

Comem e bebem tal como eu (um pouco mais refinado) bebo meu whisky e minhas gambas que não tenho.

Puxam das carteiras encebadas e discutem:

— Pago eu.

— Está qu'to pá. Qu'é isso?

— Já disse, pago eu, pocha!

Que há entre nós?

Não os esquivo, eles também não.

Chamo o empregado.

— Um galão e uma torrada.

MARIA ARLETTE S. F.



## HOTEL DO PINHAL

OFIR - FÃO - 4740 ESPOSENDE - TEL. 053-96 14 73/4 - TELEX 32857  
(nova Gerência pelos proprietários)

## Carnaval Tropicalíssimo

DE SEXTA 15 A TERÇA 19  
5 NOITES DE ALEGRIA

2 grandes bailes de Carnaval  
Sábado Trapalhão e Segunda Tropical  
fantasias facultativas c/ prémios para as melhores



## UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES

O BANCO AO SERVIÇO DO DESENVOLVIMENTO



## O Mundo em que vivemos

# NATAL ADIADO

Sentou-se no degrau de uma porta fechada, mesmo pegada à confeitaria. Chegava-lhe ao nariz arrebitado o cheiro delicioso dos bolos quentes. Dir-se-lhe que o próprio calor do ambiente atravessava a noite gélida e vinha aquecer-lhe os joelhos, que o velho calção deixava nus.

Gostava de se sentar ali. Divertia-o o movimento de pessoas bem vestidas que entravam e saíam, os meninos e meninas que iam comprar guloseimas, aconchegados nos seus «kispas» coloridos e calças de veludo.

Além disso, havia o Cinema, em frente. Não precisava de se mexer para ter ao alcance dos olhos atentos — e da inquietante fantasia — o «Super-Homem», que lhe sorria dos cartazes. «Quando for grande — pensava — vou ser parecido com ele». E embarcava no sonho de uma aventura que o compensasse da mesquinhez do dia-a-dia.

As horas voaram. Fez-se noite. Tinha que correr para chegar a casa antes da mãe, ou ninguém o livrava de um par de bofetões.

Foi então que o carro chegou. Era preto e comprido, todo reluzente. Parou junto ao passeio, salpicando-o de lama. Uma se-

nhora gorda, espectacular no seu casaco de peles e jóias rebrilhantes, passou pelo reverente motorista e entrou na confeitaria. Quando regressou, as maxilas moviam-se, lentas, em jeito de gulodice saciada. Na mão, sobre um guardanapo de papel, vinha o pastel mais bonito que se pode imaginar! Era todo de ovos e chocolate e no cimo enfeitado com um creme branco que parecia neve. Teve um sobressalto: a senhora sorria e vinha na sua direcção! Se os contos de Natal não falhassem, ela aproximar-se-lhe, beijá-lo-lhe na testa, e diria: — «Toma lá um pastel, meu menino!» Levantou-se, electrizado. A senhora aproximou-se mais e mais e ... passou adiante, sem o ver.

Abelrou-se duma janela do carro, onde assomou o facinho de um bem tratado lulu. Estendeu-lhe o pastel, que ele abocanhou duma só vez, e ficou a contemplá-lo sorridente, com a ternura embevecida duma extremosa mamã ...

Veloz, o garoto partira. Era agora apenas uma pequena mancha escura que se ia esbatendo ao longo da avenida, resplandecente das luzes de Natal.

E. REAL

## CÍRCULO DA VIDA

Nascer, chorar e dormir,  
Os olhos ao mundo abrir  
E malar, sorrir, crescer.  
Crescer, crescer e crescer ...

Andar, correr e brincar  
E cair e aprender ...  
E crescer, crescer e crescer ...  
Sentir os anos passar  
Estudar, ler e pensar  
Senhor e compreender ...

E crescer  
E amar  
E sofrer  
E chinar.

Ter vontade de morrer  
Desejos de afagar ...  
Instintos de maltratar ...  
E no perdão ter prazer!

Tornar a amar e a sorrir  
A beijar e a sofrer,  
A pecar e a mentir ...  
Reproduzir e criar  
E ter ânsias de vencer  
Ao ver os filhos crescer.

E embalar  
E cantar  
E sorrir  
E viver.

Envelhecer, recordar,  
Sentir a morte chegar  
E tudo, tudo, esquecer ...  
A última lágrima rolar  
A alma, a Deus entregar ...  
Fechar os olhos ... morrer ...

Círculo cruel e eterno  
O de nascer e morrer ...  
E a este fugaz mistério,  
Chamam os homens: Viver ...

Lisboa, Janeiro de 1985

CECÍLIA DE AMORIM

(Continuado da pág. 1)

soais de Artur Sobral, contribuíram para elas.

O mérito de Artur Sobral não está, portanto, na maior ou menor soma oferecida da sua bolsa para que fosse possível realizar os seus sonhos, embora isso seja importantíssimo. O seu mérito está no seu espírito empreendedor, no seu dinamismo sem limites, no seu grande poder de convencer, no seu grande amor à sua terra. É a estes predicados que em Artur Sobral existem em alto grau, definindo a sua personalidade, caracterizando o seu génio realizador só comparável ao de um António Veiga, que a nossa terra deve a série de realizações que muito contribuem para fazer de Fão uma terra civilizada.

Se bem nos recordamos, foi em 1945 que Artur Sobral regressou pela primeira vez à sua terra. De então para cá contamos uma meia dúzia de idas e voltas e de todas elas A. S. levava projectos e trazia realizações. Quer viesse à Europa para passar férias, quer viesse fazer parte de embaixadas desportivas, Artur Sobral trazia sempre uma prenda na sua «caixinha de surpresas». Não nos recordamos de qualquer excepção.

E nós, de quem A. S. faz o favor de ser seu amigo, nós que com ele conversamos tantas vezes sobre os proble-

# Artur Sobral

mas da nossa terra, podemos dizer que não houve vez nenhuma em que ao regressar ao Brasil, não nos dissesse: «Vou falar ao Mariz e ao Pires Carneiro». E, confiante, acrescentava: «Vamos fazer isto ...»

E fizeram. Tudo o que Artur Sobral prometeu realizar está realizado ou em vias de realização. E se a outros deveramos a oferta das somas que possibilitaram essas realizações, a verdade é que a Artur Sobral devemos isso e muito mais. Devemos-lhe o interesse, quase obrigação, que sempre pôs na realização dos problemas equacionados e a grande confiança que merece e merecerá dos fangueiros e não fangueiros pondo a bolsa ao serviço dos seus arrojados projectos.

E se cá esperamos com ansiedade de saber que prenda nos trará, outro tanto sucedia com os seus amigos J. Mariz e P. Carneiro que no Brasil esperavam o seu regresso para saberem que novos projectos este «comis voyageur» de benemerências lhes apresentaria. A. Sobral com quem conversámos logo à chegada, não teve ninguém a esperá-lo!

Ninguém se preocupou com saber quando chegava este grande amigo de Fão.

Ingratidão? Não cremos. Antes desconhecimento dos mais elementares preceitos de civilidade. Dois dias mais e Artur Sobral esquecerá. Nós é que não nos esquecemos e, por isso, aqui estamos para lhe rendermos as homenagens a que tem direito, como estivemos em sua casa para o abraçar».

Ao recolhermos dados para ilustrar o perfil de Artur Sobral, deparamos com este texto inserto na «Página de Fão» do Jornal «O Cávado» do ano de 1957. Pensamos que outras palavras não se ajustariam melhor à acção de um dos maiores beneméritos de Fão de todos os tempos. Elas recortam uma fase de intensa actividade bairrista de Artur Sobral. As gerações de menos de trinta anos desconhecem totalmente o gigantesco labor de Artur Sobral em prol da sua terra e daí tantas incompreensões que nós, aqueles que dobramos já o Cabo das Boas Esperanças, não podemos deixar passar em claro. Daí a razão de ser também deste perfil.



**Cobrança de «O Novo Fanguero»**

Cerca de 200 assinantes não pagaram ainda a sua assinatura. Estamos a chegar ao fim de um ano e o dinheiro, como devem compreender, está a fazer-nos falta.

Por enquanto só nos interessa receber a assinatura deste ano. A próxima anuidade, que se inicia em Maio, será de Esc. 500\$00. Pensamos atingir o fim de um ano com o saldo negativo de Esc. 50.000\$00 e daí a necessidade de ser revisto o preço da assinatura.

Dentro de um mês, pensamos recorrer à cobrança pelo correio; antes, porém, os assinantes poderão enviar-nos um simples cheque, que inclusivamente poderá ser metido, dentro de envelope, na caixa do correio.

**FALECIMENTOS**

● Um tanto surpreendentemente faleceu em Fão, no dia 30 de Janeiro, a professora D. Maria Manuela Borda Rodrigues, a Nelinha para os mais íntimos.

Dizemos surpreendentemente porquanto, sabendo-a adoentada, não contávamos com desfecho tão inesperado. Constituiu para os fangueros um choque a notícia do falecimento desta conterrânea que no meio gozava de grande consideração e estima.

Não privando muito de perto com a D. Manuela, tínhamos, no entanto, pela sua pessoa forte admiração, dado o seu fanguerismo, a sua genica, as muitas iniciativas que tomou em prol desta ou daquela instituição. Estamos a recordar algumas festas a favor dos Bombeiros, o bazar das prendas a favor das obras da Igreja e as inesquecíveis «noites fangueras», realizadas nos «Amigos de Fão», com o mesmo objectivo. Foram jornadas de solidariedade e de bairrismo, onde o entusiasmo da «Nela» a todos contagiava.

Durante alguns anos foi Directora das Escolas de Fão e igualmente pertenceu aos corpos directivos do Grupo «Os Amigos de Fão». O seu enterro foi uma grande manifestação de pesar. A Igreja Matriz encheu por completo destacando-se da multidão

**AUMENTE O SEU COLESTROLI**

Então como vai esse colesterolzinho? Sobe-que-sobe, o maroto! Pois vamos dar-lhe uma ajudinha ...

Aqui vão duas receitas saborosas, mas simples e económicas, como convém numa época como a nossa, em que não se pode perder muito tempo na cozinha, nem gastar muito dinheiro.

**ROLO DE BATATA**

Ovos — 3.  
Batatas cozidas — 3  
Farinha de trigo — 3 colheres de sopa.  
Leite — 1 chávena de chá.  
Margarina — um pouco.  
Passam-se as batatas pelo «passe-vite», junta-se-lhes um pouco de margarina quente, os ovos, a farinha e o leite.

Faz-se uma massa que vai ao forno até cozer, em fôrma untada com manteiga.

Depois de cozida, mete-se-lhe picado e enrola-se.

Que tal! Simples e bom, vão ver. E sendo assim ... mãos à obra!

**PUDIM FINO**

Ovos — 6.  
Açúcar — o peso dos ovos.  
Laranjas — 2.

Deitam-se os ovos inteiros, um a um, sobre o açúcar, até estar muito bem misturado. Junta-se o sumo das laranjas, ao qual se misturou previamente uma colher de chá de farinha maizena.

Coa-se tudo, deita-se em fôrma untada com manteiga e polvilhada com açúcar, e vai a cozer em «banho-maria».

Uma delícia! Vamos experimentar, sem medo ao colesterol ...

Até ao mês que vem e ... bom apetite!  
TIA MARIQUINHAS

as crianças das escolas com as suas professoras.

O Grupo Coral da Matriz, de que a Nelinha fazia parte, acompanhou com rara mestria as cerimónias religiosas, sob a regência do Maestro Faria Borda. A doçura e suavidade das vozes entendêmo-las como homenagem e adeus à companheira perdida.

Paz à sua alma.  
● Com provecta idade, faleceu em Fão, na Serpa Pinto, João Ribeiro, mais conhecido por António do Dodão.

Descanse em paz.  
As famílias enlutadas, a expressão do nosso pesar.

**© NOVO FANGUEIRO**

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

COLABORAM NESTE NÚMERO:

Dr. Armando Saraiva  
Dr.ª Maria Emília Corte-Real  
Tia Mariquinhas  
Cecília Paixão Amorim  
Maria Arlete S. F.  
Dr. José Augusto Madureira

PROPRIEDADE:

Armando dos Santos Saraiva  
José Augusto A. Nobre Modureira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

R. de Cima n.º 5 — Fão  
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

BINOGRÁFICA  
Praça João XXIII — Telef. 60318  
4490 Póvoa de Varzim

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:

Anual . . . . . 350\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através de «Os Correios» será por conta do assinante

**OBRAS NO PRIORADO**

A comunidade fanguera tem sido agitada ultimamente por um caso que opõe a Junta da Freguesia à Comissão Fabriqueira.

Com efeito, pretende o Presidente Luís Viana urbanizar os terrenos adjacentes ao Salão Paroquial, construindo sete garagens pegadas à que hoje existe, pertencente à Família Sá Pereira e com a sua venda levantar umas salas de apoio ao Salão Paroquial.

O Reverendo Prior de Fão em princípio opõe-se a tal projecto, uma vez que ele significa uma desafecção de terrenos que legitimamente pertencem à Fabriqueira.

Ante tal recusa, Luís Viana ameaça reunir o povo e com o seu apoio pressionar o pároco a ceder aos seus intentos. Reforça a sua intenção alegando que se trata de um melhoramento para a terra e que os terrenos do Priorado actualmente são terras «mortas», inestéticas e que até envergonham Fão.

Pensamos que a pretensão da Junta representa uma melhoria para o meio; no entanto as reservas apresentadas pela Fabriqueira afiguram-se-nos igualmente acertadas. Sugerimos que os fangueros sejam devidamente alertados para os dados do problema (admira-nos que Luís Viana agora tenha necessidade de reunir o povo) e que se proceda com calma, ponderação e consenso.

As coisas assim como estão não interessam a ninguém. As promessas dos políticos na maior parte das vezes não passam disso mesmo. De modo que interessa ouvir ambas as partes, ponderar assizadamente e decidir por aquilo que possa ser mais útil para a terra. Os urbanistas e os advogados deveriam ter uma palavra a dizer.

**ÀS GARAGENS**

TEMOS PARA ENTREGA IMEDIATA E AOS MELHORES PREÇOS:

- ELEVADORES DE PISTONS
- ELEVADORES DE 2 E 4 COLUNAS
- MINI-ELEVADORES
- GRUAS HIDRAULICAS
- MACACOS
- LAVAGEM A ALTA PRESSÃO «DIMA»
- MAQUINAS DE LUBRIFICAÇÃO
- COMPRESSORES
- FERRAMENTAS MANUAIS

Consulte-nos

**REIMELI, Lda.**

RUA 5 DE OUTUBRO, 272 — TELEF. 691018 — TELEX 23623 — 4100 PORTO

AGENTE EM FÃO: JOÃO EMÍLIO SÁ PEREIRA — TELEF. 961845



# DESPORTO



## INAUGURAÇÃO DO «ESTÁDIO DA JUNQUEIRA»

Pois é. Afinal a coisa foi fácil. Fão ficou com mais um campo de futebol com bancadas «naturais» e tudo e o Hotel do Pinhal vai passar a dispôr de ora em diante de um parque automóvel privativo. Os terrenos foram encontrados na margem esquerda do Cávado — zona da Junqueira.

O caso vinha de longe. O Hotel do Pinhal debatia-se com a falta de um parque automóvel e o problema agudizou-se sobretudo a partir do momento em que na margem direita da Av. António Veiga (estrada da praia) foi levantado um passeio para os peões. Os automóveis em frente ao Pinhal estavam em transgressão permanente. A gerência actual daquela unidade hoteleira pensou então nos terrenos das tra-seiras do imóvel, lado do rio, que aliás lhes pertencem; só que aquele local era ponto de encontro obrigatório dos futebolistas da Junqueira, nos domingos de manhã. Alguns vinham e vêm directamente do Porto e, como tal, não se podia chutar os atletas como quem chuta o esférico.

Estabeleceram-se negociações, houve boa-vontade e entendimento de parte a parte e a solução foi um campo novo, o «Estádio da Junqueira», nos terrenos situados imediatamente a nascente do Hotel. A sua Direcção ofereceu as balizas, a Câmara colaborou na terraplanagem e com o aval da Capitania e a compreensão da Junta um novo estádio nasceu. Aquilo está giro, morrão!

No sábado, dia 2, foi a inauguração com um jogo de futebol entre hoteleiros (Eurest-Pinhal) e a Junqueira. O árbitro foi nada mais nada menos que o antigo internacional, Abel da Costa, agora com uma certa dignidade (leia-se peso) a mais. Já não corre: passeia-se e fez tudo para que os da casa empatassem (como mais tarde revelou), mas ainda assim os hoteleiros fizeram 3-2.

Muita gente a ver o desafio, dentro do próprio automóvel, vejam só! (caso único em Portugal) e depois foi uma alegre confraternização entre todos os jogadores no Hotel do Pinhal a que assistiram alguns convidados.

Fizeram-se na altura alguns discursos que nós vamos aqui sintetizar.

Falou em primeiro lugar um representante da Família Soares que começou por saudar os presentes; historiou todas as fases do processo que culminaram com a implantação do novo está-

dio que ao fim e ao cabo resultou da colaboração e do bom diálogo existente entre todos.

O dr. Alberto Vale, temível avançado (o Torres não pode passar por aqui se não lá vai ele p'rás selecções) congratulou-se igualmente com o novo campo, explicou por razões psicológicas e aeróbicas o nascimento do timinho da Junqueira e lamentou finalmente o barracão inestético junto ao «estádio»;

não era apologista que o destruíssem *in limine*, mas entendia que era urgente arranjar uma solução para o caso.

Já fora do protocolo Abel da Costa fez a tal revelação a que aludimos acima. Todo o mundo ficou estarrecido. Estas arbitragens portuguesas, heim?

## Clube Futebol de Fão

Parece que por estas bandas também funcionou a tal chicotada psicológica. Não por falta de competência do treinador. Ele cumpria, exigia, sabe do ofício.

Só que os jogadores precisavam de ser abanados. Foi chamado o «bombeiro» Carvalho. Como todos sabemos, foi jogador gilista e varzinista. Tem obrigação de saber do ofício geralmente. E depois é dos duros.

Perante a evidência dos resultados a Direcção quis actuar, abanar a equipa. Bateu à porta do Carvalho que não soube dizer «não». É que ele tem o bichinho lá dentro e ofereceu os seus préstimos a título gracioso.

Que seja bem sucedido.

## FÃO DE ANTIGAMENTE



Esta é a equipa de futebol de Fão nos fins da década de 40. **De pé:** Neca d'Areia (falecido), seu irmão Adelino, Adelino Cantoneiro, Albertinho, Abel, Xico Glória (falecido), Paulo Celeste, Quim (Chiquitá), Alípio (já falecido) e Amândio Padeiro. **De joelhos:** Luís Nunes, Broa, Ramiro, Tião Folheteira, Néné e Domingos d'Areia. **Deltado:** Isaltino Pedrosa, o célebre 13.

ÓPTICA *Oliveira*

ALEIXO FERREIRA, L.D.A

création ARMAÇÕES — ÓCULOS SOL

*AZAL*

RUA DA MISERICÓRDIA, 2-16 — 4700 BRAGA • TEL. 75777





por ZINHA

*Junto do jardim.  
Perto de mim.*

*Eis um velho.  
Sentado.  
Cansado.  
Alquebrado.*

*É das dores?  
Foi dos amores?*

*Não. Foi da vida.  
Tão sentida.  
Tão sofrida.*

*Desiludido Derrotado?  
Não! Saudoso, do passado.*

*Foi jovem.  
Destemido, aguerrido.*

*Vacilou?  
Não! Ao cair se levantou!*

*Viu terras.  
Atravessou águas.  
Se despiu:  
Sim. Com muitas mágoas.*

*Conheceu alguém.  
Foi venturoso.  
Acabou?  
Sim. O mundo é mentiroso.*

*Foi aprendiz, foi mestre.  
Foi comerciante, foi afinador.*

*Fez montes.  
Fez casas.  
Fez castelos.*

*Construiu pontes.  
Bateu asas.  
Calçou chinelos.*

*Embalou crianças.  
Semeou esperanças.*

*Enterrou um filho.  
Assinou contratos.  
Andou, correu.  
Fez desacatos.*

*Abriu mãos,  
foi amigo, ajudou.  
Encontrou amizade.  
Viveu tempestade.  
Voltou!*

*E agora, ali, sentado.  
Recorda o jovem que foi,  
o homem que viveu.  
E sente-se desanimado!*

*É que não presta?  
É que é inútil  
Levou vida fútil?*

*Velhinho, não!  
Ouve, dá-nos a tua mão!  
Tu serás sempre uma lição!*

Acabo de entrar.

Reparo que a minha mesa, porque é minha, está ocupada por um velho cheio de contracções espasmódicas que num vaivém contínuo dão a sensação que os músculos faciais são repuxados divertidamente por fios invisíveis. Hesito, depois resolvo sentar-me numa mesa próxima. Talvez pelo hábito daquele lado do café. Estiro as pernas, cerro os olhos por instantes de segundo; e sinto-me hoje, pela primeira vez, com um mínimo de disposição para o cor-de-rosa.

## UMA CHÁVENA DE CAFÉ

Faço três anos de contracção a prazo.

Deveria sentir-me alegre mas, há sempre um absurdo em mim. Festejo este aniversário sem um copo de vinho, sem a presença de um amigo, com excesso de trabalho.

Estou cansado, não um esgotamento físico, é mais uma saturação dum esterior demasiado longo — sinto-me até indiferente à estabilidade que se aflora a partir deste momento.

Repouso os olhos no líquido negro que tremula na chávena de café e tento recordar três anos atrás — impossível. Varrer-me da memória é traição fácil. Apenas ténues vestígios dum evocar, o mar de outrora, estético como este. Levanto os olhos do café com sabor a sucedâneo e vejo a dois metros de dis-

(Continua na pág. 2)

## O PICA PAU

Só nos faltava esta! Além do lixo e de mancha azul, os fangueiros estão a assistir a uma pilhagem (autêntico roubo) nos seus pinhais. A verdade é que, depois de termos sido visitados por uma cegonha, este cantinho à beira-mar devastado é abrigo agora de um perigoso pica-pau. Este espécime, entra nos pinhais dos fangueiros, come-lhe as árvores na sua maior parte e deixa ficar os trocos. Para além da selvajaria, este pica-pau está a dar umas boas bicadas no bolso dos fangueiros que têm terrenos por aí.

Tudo isto parece estar a afectar também os cães, os melhores amigos do homem, que andam particularmente nervosos. Segundo o «Novo Fangueiro» conseguiu contactar, há até uma movimentação anormal dos cangdeos. Estes, têm-se visto e desejado para arranjar árvore onde se possam aliviar.

Mas como cortar com a «laboriosa actividade» do tão incansável pica-pau? Recorrer à guarda para que vigie os pinhais? Não é provável que aquela

força disponha de efectivos suficientes para o efeito.

Outra solução seria vedar a maior parte dos terrenos. Porém, isso seria dispendioso e só alguns o poderiam fazer no momento. Por outro lado, muitos dos proprietários não estão em Fão e são alheios, portanto, ao que se está a passar.

Poder-se-ia recorrer a pessoas desempregadas, por exemplo, para que trabalhassem como vigilantes da floresta! É difícil pôr as pessoas de acordo quanto ao pagamento (que deveria ser feito por todos os possuidores de terrenos) e quanto às pessoas que iriam servir de vigilantes.

Estaremos então condenados a pinhais carecas? Por este andar, teremos de pensar muito seriamente e a breve trecho nos repovoamento florestal. Quanto mais tempo levamos a dar caça ao pica-pau, pior. Este continuará a sua «faina» rindo e cantando. É dos carecas que eles gostam mais.»

JOSE AUGUSTO MADUREIRA

AVENÇA



PORTE

PAGO

«O NOVO FANGUEIRO»  
FÃO